



## INTELECTUAIS NEGRAS – PROTAGONISMOS EM (NOS) PROJETOS ACADÊMICOS<sup>1</sup>

**Resumo:** A historiadora Giovana Xavier da Conceição Nascimento narra a sua trajetória acadêmica na graduação na UFRJ e na pós-graduação na UFF e na (Unicamp). Aborda as influências geracionais de mulheres negras da sua família. Fala das suas experiências acadêmicas internacionais e sobre o papel de gênero e raça no debate contemporâneo das relações de poder na produção historiográfica e no ensino de história

**Palavras chaves:** Universidade negra, ensino de história, história intelectual e Giovana Xavier da Conceição Nascimento

### BLACK INTELLECTUALS INSIDE AND OUTSIDE THE UNIVERSITY

**Abstract:** Giovana Xavier da Conceição Nascimento narrates his academic trajectory in undergraduate studies at UFRJ and in graduate studies at UFF and (Unicamp). It highlights the origin and generational influences of black women in their family. She remembers her international academic experiences and the role of gender and race in the contemporary debate on power relations in the production and teaching of history.

**Keywords:** Black university, history teaching, intellectual history and Giovana Xavier da Conceição Nascimento

### INTELECTUALES NEGRAS DENTRO Y FUERA DE LA UNIVERSIDAD

**Resumen:** Giovana Xavier da Conceição Nascimento narra su trayectoria académica en los estudios de pregrado en la UFRJ y en los estudios de posgrado en la UFF y (Unicamp). Destaca el origen y las influencias generacionales de las mujeres negras en su familia. Recuerda sus experiencias académicas internacionales y el papel del género y la raza en el debate contemporáneo sobre las relaciones de poder en la producción y enseñanza de la historia.

**Palabras claves:** Universidad negra, enseñanza de la historia, historia intelectual y Giovana Xavier da Conceição Nascimento

### LES INTELLECTUELS NOIRS DE L'UNIVERSITÉ

---

<sup>1</sup>Entrevista, edição e organização de Stephane Ramos (doutoranda em História pela Universidade de Brasília, E-mail: [stephane.rcosta@gmail.com](mailto:stephane.rcosta@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970> ) e Flávio Gomes (professor da UFRJ e pesquisador do CNPq, Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: [escravo@prolink.com.br](mailto:escravo@prolink.com.br) . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2386-7040> )

**Résumé:** Giovana Xavier da Conceição Nascimento raconte sa trajectoire académique dans les études de premier cycle à l'UFRJ et dans les études supérieures à l'UFF et (Unicamp). Il met en évidence l'origine et les influences générationnelles des femmes noires dans leur famille. Elle se souvient de ses expériences universitaires internationales et du rôle du genre et de la race dans le débat contemporain sur les relations de pouvoir dans la production et l'enseignement de l'histoire.

**Mots clés:** Université noire, enseignement de l'histoire, histoire intellectuelle et Giovana Xavier da Conceição Nascimento

### **GIOVANA XAVIER DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO**

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluiu o Mestrado em História na Universidade Federal Fluminense (2005) com a dissertação “Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina (Rio de Janeiro, 1880-1910)”. Em 2012 termina o Doutorado pela UNICAMP com a tese “Branças de Almas Negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)”. Entre livros e organização de coletâneas destacam-se: “Maria Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual da pós-abolição” (EDUFF, 2020); “A gente só sabe o final quando se encerra: novas formas de ensinar e aprender histórias no Brasil Republicano” (EDUFF, 2020), “ Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando a sua própria história” (Malê, 2019); “Cultura Negra no Atlântico: festas, carnavais e patrimônios negros” (EDUFF, 2018); Cultura Negra no Atlântico: trajetórias e lutas de intelectuais negros” (EDUFF, 2018); “Intelectuais Negras Visíveis” (Malê, 2017); “Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas” (Fino Traço/UFRB, 2016); “Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação” (Selo Negro, 2012). Além de capítulos de livros tem publicado artigos em periódicos como Afro-Ásia (CEAO-UFBA), Cadernos Pagu (UNICAMP), Estudos Históricos, Feminist Theory, Revista Brasileira de História, entre outros.

### **FAMILIARES E TRAJETÓRIAS**

**Fale um pouco da sua origem familiar e trajetória até entrar na Universidade. Quais foram as primeiras referências familiares e extrafamiliares? Como foi a formação no primeiro e segundo grau?**



Abrindo os trabalhos com leveza, vou brincar com a “tradicional família brasileira”. Representativa do peso e conservadorismo do projeto político atual do Estado brasileiro, a “tradicional família brasileira”, definida na perspectiva feminista negra de alternativa à hegemonia, é uma ideia importante para pensar a minha história como representativa das classes trabalhadoras brasileiras. Venho de uma “tradicional família brasileira”, liderada - do lado materno - por mulheres negras. Minha avó Leonor Xavier da Conceição (1919-2008), minha mãe Sonia Regina Xavier da Conceição (1950-2008), minha tia Elenir Xavier das Dôres (nascida em 1944), em uma parceria muito bonita com meu avô Julberto da Conceição (19-20). Estas pessoas são minhas grandes referências uma vez que foram condutoras de projetos políticos pessoais e familiares que teciam na cozinha, no quintal e na sala. Este último cômodo onde adultos e crianças ao final do dia se reuniam para ver a novela e entre um intervalo e outro planejar o dia seguinte, o orçamento do mês, o lazer e o cardápio do final de semana. Esta maneira Xavier da Conceição de fazer política é a da maioria da população brasileira, ou seja, em suas casas, decidindo através de diálogos, harmônicos ou conflituosos, o que desejam para si e quais direções tomar diante de desejos, sonhos, urgências inadiáveis e de uma série de barreiras impostas diariamente.

Penso nisso e me emociono porque lembro da minha avó Leonor, uma mulher que se tornou órfã de pai e mãe aos nove anos e que aprendeu a “ler e ver as horas sozinha”. Ela toma a cena. Com voz altiva, direciona-me para mim e diz “vamos sair”. Enquanto penteia seu cabelo com a água da pia do banheiro, eu a olho feliz. Sapeco, sempre amei a rua, que hoje como uma mulher do candomblé sei que significa caminho. Leonor transfere de seu avental uma pilha de moedas para o bolso da saia de linho que costurou para ser sua “roupa de sair”. Caminhamos juntas até a papelaria. Postas no balcão as moedas são contadas e trocadas por um caderno de caligrafia. Caminhamos juntas, em silêncio. Minha avó não era uma mulher de “conversa fiada” rs. De volta à casa, o barulho da panela de pressão anuncia a proximidade da hora do almoço e de ir para escola. Mas antes disso, ela abre o pacote, estende o caderno na mesa e me pede o lápis. Carinhosamente segura minhas mãos e ensina-me primeiro o contorno da letra “g”, de Giovana e depois todas as outras para que eu “tivesse a letra mais bonita da sala”. Isso para mim é muito forte porque nos takes que compõem esta cena têm toda a história das famílias negras brasileiras.

Mulheres negras de duas gerações -- avó e neta, caminhando de mãos dadas na rua, cozinhando e escrevendo juntas um destino sonhado e projetado para a letra “g”.

Veja, estou a falar de uma mulher personagem histórica da pós-abolição, que eu tive a sorte e a honra de ser minha formadora. Ela me ensinou a praticar a auto nomeação, ensinando-me a escrever meu nome no papel. Por essa e outras razões, ela é a grande responsável por plantar em mim o gosto pelo estudo, o apreço pela organização pessoal e da casa, a importância de observar mais do que falar (este eu demorei a aprender. rs). Ao lado desta senhora, tem minha mãe, Sonia Regina, a primeira da família a entrar em uma universidade. Minha mãe formou-se em História na UERJ em 1977 durante a ditadura militar. Cresci ouvindo contar sobre agentes da repressão infiltrados nas aulas e sobre as estratégias criadas por professores para debater conteúdos relacionados à liberdade e à democracia. Foi Dona Sonia que me ensinou a cultivar o amor pelos livros. Professora do ensino fundamental por trinta anos na Escola Municipal Senador Camará, em Realengo, bairro da zona oeste carioca, ela trazia diariamente da biblioteca, improvisada na sala da direção, obras de autores como Jorge Amado, Lima Barreto, Machado de Assis e Raquel de Queiroz.

Assim, aos oito anos comecei a ler este tipo de literatura uma vez que não tínhamos dinheiro para comprar livros específicos de literatura infantil, exceto o “gibi do mês”, que adquiria com os cruzados que cada criança ganhava na “semana do pagamento” das adultas. Isso quer dizer que minha formação de leitora foi conduzida por mulheres negras que tinham uma compreensão sofisticada da importância da cultura letrada para transformar a nossa realidade de pobreza em ascensão para as futuras gerações. A combinação entre Turma da Mônica, Gabriela Cravo e Canela, A mão e a luva, Clara dos Anjos resultou na professora doutora Giovana Xavier e quem planejou esta combinação foram elas, como agentes de conhecimento, condição que só conseguimos enxergar nas mulheres negras quando interpretamos suas histórias através do método dialético feminista negro. Ele permite enxergar características como singularidade, diálogo e escrita autêntica de mulheres negras e assinala também a importância de mais estudos sobre os processos de letramento das famílias negras brasileiras porque a afirmação que “pobre não lê” é contrariada por histórias como a minha o tempo todo.

Nessa tradicional família brasileira de onde venho o masculino também tem seu espaço, ocupado por meu avô, Julberto da Conceição. Um menino órfão que cresceu no Cais do Porto do Rio de Janeiro fazendo bicos para os estivadores e que depois de ganhar o “faz me rir” comemorava nadando nas águas da baía de Guanabara. Homem sábio, com olhar doce e compenetrado, guardo duas imagens de meu avô: adultos e crianças sentados



à mesa, esperando-o chegar e ocupar à cabeceira para que então o almoço começasse. E ele, na primeira semana do mês, entregando em um envelope de papel pardo seu salário à minha avó, que guardava tudo em seu avental, o qual eu e meus primos apelidamos de “boca rica”, um brinquedo dos anos 1990 que era um boneco cofre que engolia e despejava moedas coloridas para o ou a vencedora da partida. Muito observadoras, as pessoas deste clã perceberam desde cedo meu gosto e talento para escrita. Após cumprir o ensino fundamental I na Escola Municipal República do Peru (este ponto é muito importante para mim: eu fui uma menina negra alfabetizada na escola pública, através do trabalho de profissionais extremamente qualificadas e dedicadas ao seu ofício). Depois disso, minha família organizou-se e matriculou-me em um colégio de freiras, o Educandário Madre Guell, no Méier, onde estudei dois anos e guardo memórias traumáticas, de dores e feridas de uma menina negra educada por freiras brancas que afirmavam não existirem anjos negros. Passada esta experiência, fui estudar em uma das escolas particulares mais caras do bairro. O Colégio Hélio Alonso, onde realizei o ensino fundamental II e o Médio, à exceção do primeiro ano, que devido a dificuldades financeiras, realizei no Colégio Estadual Central do Brasil. Estudar em uma escola de freiras e depois em outra da classe média alta branca foram minhas experiências mais radicais e dolorosas de empretecimento.

Eu sempre me soube negra, pois fomos educados por minha avó para sermos “pessoas de cor educadas e corretas”, para isso deveríamos “fazer pouco barulho, falar baixo e usar roupas recatadas”, como ela afirmava todos os dias. Sua fala, enquanto uma mulher que teve de se virar sozinha desde a infância, para garantir seu sustento e livrar-se dos assédios sexuais e morais de patrões e parentes, é importante para pensarmos como mulheres pobres criam suas próprias definições de raça, classe e gênero. Em minha criação, a cor negra foi afirmada como um fenótipo do qual “não tínhamos do que nos envergonhar” (uma forma criativa e conservadora de falar de orgulho racial) e que “deveríamos aprender a lidar”. Hoje percebo como fui privilegiada por ter sido criada em um lar de pessoas tão sábias que à maneira delas nos diziam que o problema não éramos nós, mas o racismo que foi criado pelo outro, branco. Isso ficou evidente para mim no Colégio Hélio Alonso, onde coleguinhas de sala e profissionais, majoritariamente brancos, praticavam atos preconceituosos de diversas ordens: xingamentos, desqualificações, punições na sala de aula, em provas, preterimentos nas atividades esportivas, festivas e cívicas. Cada pessoa tem uma história e desenvolve sua caixa de



ferramentas para lidar com ela. No meu caso, todas essas vivências em uma família negra pobre e em escolas brancas classe média alta foram decisivas para que eu desenvolvesse uma capacidade de aprender a observar e investigar as formas de agir, ser e sentir de pessoas brancas, o que como professora universitária e ativista intelectual tem sido decisivo em meu trabalho. Como uma mulher que caminha com Oxóssi -- o orixá que se movimenta em silêncio na floresta para assegurar a caça -- sou boa ouvinte e observadora. Com isso, tem minha mãe soprando em meu ouvido “tudo tem seu Tempo”.

E eu sigo passando um longo tempo avaliando quem acredita que o objeto de estudo sou eu. E neste processo educativo que envolve família, escola, universidade, terreiros, movimentos sociais têm sido possíveis aprimorar duas habilidades: a contemplação do silêncio e o falar para ser escutada. À exceção de minha tia Lena, uma grande referência de mulher independente, as pessoas de minha família aqui citadas tornaram-se ancestrais. Assim, como uma filha e neta que enterrou seus mortos eu os agradeço por cuidarem de um sonho para que eu possa vivê-lo hoje. Minha avó e tia paterna Neuza e Carmen Barros Côrtes também fazem parte desta história intelectual de mulheres negras.

## **NARRATIVAS DE ESCOLHAS**

### **Como foi a escolha pela História? O que te motivava e evocava na graduação?**

Têm várias histórias dentro da história. O fato de ter sido uma leitora formada na infância sempre estimulou minha criatividade, imaginação e curiosidade de conhecer e aprender mais sobre o mundo. Com esta energia, em 1996, fiz o vestibular e fui aprovada para cursar Letras na Universidade Federal Fluminense. Na metade do curso desisti pela falta de identificação com o curso e tranquei matrícula. Fui morar por um período na Ilha Grande, onde trabalhei como vendedora, garçonne e camareira. Este é um momento chave que ajuda a explicar meu futuro interesse pela história de mulheres negras e pelos estudos feministas negros. Interesse que também nasceu do fato de ter vivido na prática as experiências de opressão e desigualdade de uma menina negra que dos doze aos dezenove anos trabalhou no mercado informal, considerando que entre doze e dezesseis anos trabalhava entregando panfletos na ponte do Méier e confeccionando artesanato em uma oficina no quintal de uma casa no Cachambi. Hoje estilista bastante famosa, a proprietária da oficina reunia dezenas de meninas negras para no referido quintal



confeccionarem peças de miçanga para grandes marcas, recebendo R\$0,25 por unidade, que em média levavam de quatro a oito horas para ser produzida. Através da articulação entre fazer e pensar, entendo perfeitamente o que a expressão “trabalho análogo à escravidão” significa na prática. Com estas experiências acumuladas e iniciando um namoro com um rapaz que participava de movimentos sociais negros comecei a refletir de forma mais sistemática sobre minha condição de mulher negra. Apoiada por ele e minha família, principalmente minha mãe, voltei a morar no Rio de Janeiro, matriculei-me em um cursinho pré-vestibular pago por ela e fui aprovada para cursar História no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No prédio do Largo de São Francisco de Paula, número 1, eu iniciei um processo de renascimento da menina negra suburbana que tinha como objetivo conquistar um canudo de professora. Um título que lhe assegurasse uma vida melhor como integrante da classe trabalhadora. Estudante interessada, curiosa e dona de uma excelente escrita, o propósito inicial de tornar-me professora da educação básica na escola pública expandiu-se. Um conjunto de pessoas e fatores foram fundamentais: meus amigos da turma 1999/2 do noturno. Alexandre, Gilciane, Guaraciara, Luiz Claudio, Frederico, José Ricardo, Oswaldo, Vinicius. Trabalhadores na casa dos trinta e quarenta anos de idade que ressaltavam - em atitudes, falas e percepções -- sobre meu talento para vida acadêmica.

Faz pouco tempo que elaborei esta compreensão, mas estes colegas de turma, amigos da vida, foram meus primeiros apoiadores na UFRJ, muitas vezes, inclusive, pagando xerox, passagens, lanches e aquela cerveja depois da aula, onde vínculos eram estreitados, projetos de vida e dificuldades acadêmicas compartilhadas. A despeito dos desafios inúmeros, sempre converso com minhas turmas sobre as redes de afeto possíveis de serem tecidas no espaço acadêmico. E tais redes, hoje também construídas no âmbito dos coletivos negros universitários, são fundamentais para permanência da classe trabalhadora na academia. Nesse contexto, dois professores foram centrais: Carlos Fico, que me ofereceu a primeira oportunidade de pesquisa, selecionando-me como bolsista de iniciação científica de um projeto sobre tortura e informações na ditadura militar brasileira, financiado pelo CNPq, agência de fomento à pesquisa nacional que eu nunca tinha ouvido falar até então. A rotina de bolsista realizando diariamente pesquisas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro incutiu-me o gosto pelo ofício de historiadora. Esse gosto virou certeza quando conheci o professor Flavio Gomes. Narrado nos corredores como o “único historiador negro” do curso de História, tive a oportunidade de ser sua



aluna no primeiro ano da graduação nas disciplinas Movimentos Sociais no Rio de Janeiro e História do Brasil Colonial, que depois se tornou a disciplina História do Rio de Janeiro. Em ambos os cursos, tomei contato com uma vasta bibliografia relacionada às subjetividades e projetos políticos de pessoas negras escravizadas e isso me impactou bastante. Senti-me como alguém com uma história roubada sendo devolvida, um mover-se além da dor através da leitura de pesquisas da história social da escravidão, realizadas por historiadores que mais tarde seriam centrais em minha formação. Entre eles, Rachel Soihet, Sidney Chalhoub e Martha Abreu, respectivamente, orientadora de mestrado, orientador de doutorado e supervisora de pós-doutorado. Mais para além das leituras, o mais importante foram a aposta e o investimento do professor Flavio na minha formação como pesquisadora da história de mulheres negras na escravidão. As discussões de texto em sala e em grupos de pesquisa, as idas em conjunto ao ANRJ e à Biblioteca Nacional para ensinar os segredos do microfilme e das entrelinhas das fontes históricas. As conversas sobre caminhos e estratégias, a mediação para estabelecer contato com professores da área. Esse modo de se fazer presente, empreendendo um modelo rigoroso de formação acadêmica, no qual também havia espaço para discutir e refletir sobre as subjetividades negras, me marcou profundamente. E por mais que eu já tenha falado em diversas ocasiões sobre essa história, haverá sempre mais a contar, descobrir, agradecer.

Essa é uma gratidão boa de ser praticada porque ela tem a ver com autonomia e liberdade em vez de uma cordialidade submissa que esperam das pessoas, principalmente mulheres negras que chegaram a espaços estratégicos de poder, como eu. Acredito que o papel que o professor Flavio desempenhou em minha trajetória é uma forma densa de afirmar que representatividade importa. Não somente pela presença, mas pelo método por meio do qual tal presença se construiu, ou seja, imprimindo uma dimensão profundamente humana na relação acadêmica, professor e aluna. E isso é algo que carrego e que referência minha prática docente. Hoje como colega de profissão e instituição eu me inspiro no seu exemplo para contribuir com a formação dos estudantes com quem atuo no ensino de história, no Grupo Intelectuais Negras e no Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ. Faz lembrar os debates do professor Milton Santos sobre o papel do acadêmico na sociedade brasileira.

### EFERVESCÊNCIAS INTELLECTUAIS



**Sua graduação nos anos 1990 e os seguintes foi também um momento de efervescência. Como isso te mobilizava em termos intelectuais? Quais os livros, abordagens, autores?**

Cheguei ao IFCS em 1999, tempo em que inexistiam políticas de ações afirmativas e este é um ponto curioso para pensar as transformações e o papel que exercemos nelas. Como professora e ativista intelectual, com uma agenda de pesquisa focada no pensar de mulheres negras, me tornei uma referência fortíssima para a juventude negra que chega às universidades públicas brasileiras através destas ações afirmativas. Voltando no tempo, a Giovana que ia de trem para o IFCS e voltava para casa de ônibus (o conhecido “254 Praça XV – Madureira”), descobre na graduação o ativismo no movimento estudantil, participando da gestão do Centro Acadêmico Manoel Maurício de Albuquerque (CAMMA) e ingressando na política partidária como militante de uma corrente minoritária de esquerda do Partido dos Trabalhadores, a Democracia Socialista, a DS. A articulação entre formação acadêmica e partidária possibilitou que me tornasse uma historiadora forjada sob perspectivas múltiplas e conectadas. Lendo pensadores clássicos, marxistas, feministas em um curso referenciado na historiografia francesa. Pesquisando documentação da escravidão e do pós-abolição em arquivos históricos orientada por um historiador social de referência. Experimentando - em movimentos sociais negros e feministas - metodologias de aprendizagem cooperativas como plenárias, rodas de conversa, relatoria, diários.

Todos esses são caminhos que percorri e que explicam hoje o meu engajamento na produção de uma nova abordagem historiográfica denominada história intelectual de mulheres negras, da qual falarei adiante. Dentro de tudo isso, respondendo de uma forma mais direta, o que mais me mobilizou em termos intelectuais foi o contato com a história social. A premissa da agência escrava, “de que escravos antes de tudo eram pessoas” fez-me repensar tudo que havia aprendido pela chave da objetificação e subalternidade negras. Estamos em 1999. O impacto foi tão forte que com minha primeira bolsa de iniciação científica de R\$240,00 inaugurei minha estante de livros comprando *A vida dos escravos no Rio de Janeiro* de Mary Karasch enquanto meus colegas compravam *A Era dos Extremos* de Eric J. Hobsbawn (que adquiri um mês depois rs). Mary Karasch foi uma leitura fundamental para me aterrar no estudo da história da escravidão assim como os livros *Condição feminina* de Rachel Soihet, *Meninas Perdidas* de Martha Abreu,



Trabalho, Lar e Botequim de Sidney Chalhoub e Histórias de Quilombolas, de Flavio Gomes. Há ainda um quarto livro. De novo minha mãe desempenha papel importante ao me dar de presente de aniversário de vinte anos: a obra Mito e espiritualidade: mulheres negras, de Helena Theodoro ensinando-me com uma obra de capa vermelha sobre o poder de escrever nossas próprias histórias.

## CONQUISTANDO *MUNDOS ACADÊMICOS*

### Como foi a sua entrada na pós-graduação e escolha de temas para estudo?

Entrei no mestrado em História na Universidade Federal Fluminense em 2003. Na UFF, orientada pela professora Rachel Soihet, historiadora feminista pioneira no Brasil, fui iniciada em grande estilo no trabalho com epistemologias feministas na academia. Ao mesmo tempo, do lado de fora, eu trabalhava como pesquisadora da Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH) na pesquisa que deu origem ao livro Mulheres Negras do Brasil, organizado por Schuma Schumacher e Erico Vital Brasil. De novo, a intersecção entre academia e ativismo, através do mestrado conjugado ao trabalho no terceiro setor ampliou meus horizontes. Motivada a conciliar meu gosto pela literatura com o estudo da história de mulheres negras, desenvolvi uma pesquisa pioneira sobre relações de gênero e mestiçagem na literatura brasileira através de três personagens: Ernestina de A viúva Simões, Clara dos Anjos, da obra homônima e Rita Baiana, de O cortiço. Intitulada “Coisa de pele: relações de gênero e mestiçagem na literatura brasileira”, na referida dissertação é possível identificar os germes de conceitos e métodos fundamentais em meu trabalho hoje. Entre eles: a narrativa na primeira pessoa, a escrita autêntica e o cruzamento de fontes literárias e demográficas.

Após uma inusitada reprovação na seleção de doutorado da UFF, sou aprovada no Programa de Pós-Graduação em História Social da Unicamp. Orientada pelo professor Sidney Chalhoub começo o doutorado investigando os discursos médicos sobre o corpo de mulheres negras na virada do século XIX para o XX. A escassez de fontes somada ao meu permanente interesse nos concursos de beleza promovidos pela imprensa negra paulistana na primeira República fazem com que eu redirecione o doutorado para o estudo das mulheres negras na pós-abolição. Esta virada temática representa uma etapa de meu amadurecimento intelectual na qual assumo o compromisso de estudar mulheres negras



no mundo livre, dentro de uma concepção de pós-abolição que se estende ao século XXI e que me possibilita fazer várias conexões através do método passado-presente da história. Criado por Ana Rios, Hebe Mattos e Martha Abreu para estudo das populações descendentes de escravizadas no Vale do Paraíba, desde o doutorado recreei esta metodologia para investigar a história de mulheres negras no Brasil e nos USA tendo como foco questões como ativismo, mercado da beleza e cidadania. Defendida em 2012, com grande suporte de meu ex-marido, o grande historiador do Brasil República Álvaro Pereira do Nascimento, no quinto mês de gravidez de nosso filho Peri, “Branças de almas negras” é a primeira e única pesquisa realizada no Brasil sobre história da cosmética e do colorismo no mundo afro-americano. Em diálogo com a historiadora Maria Beatriz Nascimento, existe uma “linha de continuidade histórica” em minha trajetória que é caracterizada pelo estudo ininterrupto dos modos de ser, pensar e agir de mulheres negras.

### TEORIAS TRANSNACIONAIS

**Você foi fazer o mestrado na UFF e depois o Doutorado na Unicamp. Como foram tais experiências? Você completou o seu Doutorado na NYU. Fale um pouco da sua primeira experiência acadêmica nos EUA e como isso vai determinar a sua ação acadêmica?**

As experiências na UFF e na Unicamp somadas às na UFRJ foram maravilhosas, pois como estudante caminhei em três universidades distintas, com cursos de graduação e pós em História de excelência reconhecida nacional e internacionalmente. Em se tratando de uma jovem negra do subúrbio esta caminhada expandiu meus horizontes em termos de lugares, pessoas, abordagens teórico-metodológicas e diversos outros aspectos. Quando iniciei a graduação na UFRJ marcou-me frequentar diariamente o Centro da cidade do Rio de Janeiro, acessando centros culturais, museus, teatros, conhecendo cafés, confeitarias e bares que já tinha visto apenas em novelas da TV ou em romances históricos de autores como Lima Barreto, que tanto amo. Nas duas experiências na UFF, estudar em outra cidade, fazendo a travessia pela Baía de Guanabara, fazia-me sentir na prática que eu podia estar onde quisesse, desde que me organizasse para tal. Nesta época marcou-me a relação com minha orientadora Rachel Soihet, que promovia reuniões de orientação individuais e coletivas na biblioteca de sua casa em Icaraí, área nobre de Niterói. O fato



de conviver com uma professora feminista brilhante e acolhedora, que ensinava de forma primorosa os métodos e conceitos feministas, que discutia temas como aborto, divórcio, racismo e machismo e que era reconhecida como grande historiadora social das relações de gênero foi uma grande fonte de inspiração para desenhar a historiadora que eu gostaria de ser: “autora de minha própria história”.

Anos depois, já como professora dei uma palestra para uma das turmas de pós de Rachel e pude expressar-lhe meu agradecimento que a meu ver é um conteúdo que como professora devemos enfatizar em nossas aulas. O amor, a gratidão e o respeito que todas as pessoas aqui citadas depositaram em mim são essenciais para explicar Giovana Xavier na sua versão professora universitária e intelectual pública reconhecida. E falar sobre isso também é uma forma de questionar o racismo, que confina à história de mulheres negras de sucesso às imagens da exceção e do heroísmo, deixando pouco ou nenhum espaço para evidenciar as redes coletivas que se constroem e através das quais se forjam as nossas histórias. A ida para os EUA como bolsista sanduíche do CNPq foi um dos maiores divisores de água da minha vida. Até hoje quando penso nessa experiência pergunto-me como ela foi possível. Em 13 de janeiro de 2008, exatamente um ano antes de desembarcar em New York City, minha mãe teve um infarto fulminante, aos 58 anos, e quando cheguei para socorrê-la ela estava morta na sala da casa onde havia vivido a maior parte da minha vida. Em paralelo, minha avó Leonor estava internada, entubada, e fez sua passagem em março, três meses depois da filha caçula. Todo o processo que envolve o luto -- enterro, burocracias, desmontagem de casa, guarda-roupa etc. -- ficou sob minha responsabilidade. De uma jovem de vinte e oito anos que a vida toda conviveu com mulheres determinadas e centralizadoras e que da noite para o dia vê-se forçada a mexer e organizar suas histórias para que suas ancestrais pudessem descansar em paz. Eu estava no meio do doutorado e não fossem Flávio Gomes, a primeira pessoa quem liguei para contar da morte de minha mãe, Sidney Chalhoub e a antropóloga Olívia Cunha, provavelmente eu teria desistido de estudar. Com um acompanhamento carinhoso diário, em uma época que inexistiam redes sociais, estes professores junto com namorado e amigos como os historiadores Amílcar Araújo Pereira e Ynaê Lopes dos Santos incentivaram-me a pleitear uma bolsa de doutorado sanduíche para estudar em New York. Inicialmente diante do luto, de um provincialismo carioca e do medo do desconhecido, fui refratária à ideia, mas a insistência de todos, com ofertas variadas de pessoas e possibilidades assim como amizades criadas com pesquisadores norte-americanos como



meu grande amigo Marc Hertzman e o querido Natan Zeichner fizeram com que eu acolhesse e investisse na ideia. Nessa época conheci por intermédio de minha amiga Alyxandra Gomes, hoje professora da Universidade Estadual da Bahia, a maravilhosa professora de inglês Andrea Barbosa, que em seis meses preparou-me para o nível básico do Inglês. Andrea, hoje grande amiga é até hoje minha professora e grande incentivadora do meu trabalho. Veja só como para mim é impossível falar da trajetória acadêmica em termos de agenda de pesquisa e abordagens teórico-metodológicas sem falar das relações pessoais.

Esse esforço de unir o subjetivo e o objetivo na produção científica também é uma linha de continuidade histórica em meu pensamento. Nessa perspectiva, chego à New York City em 2009, na véspera do discurso de posse do primeiro mandato do presidente Barack Obama. Assistir em Manhattan, no prédio dos estudantes da New York University a cerimônia de posse, com a família Obama no centro da tela e da narrativa foi uma experiência inesquecível. Pela primeira vez na vida com passaporte, visto norte-americano e financiada pelo Estado brasileiro, sob governo do Partido dos Trabalhadores, como estudante internacional meu coração pulsava esperança. Em Nova York, sozinha, aprendi muito sobre mim e o Brasil. Vivi inúmeras experiências marcantes como a amizade com Janny Llanos, minha grande amiga antropóloga da República Dominicana que me ensinou muitas coisas sobre o pensamento de mulheres latino-americanas e sobre os sentidos espirituais da palavra amizade. Como “amiga da alma”, ela me acolheu em sua casa, em Bed Stuy, umas das quebradas do Brooklyn, como roommate. Com meus amigos e historiadores Marc Hertzman e Yuko Miki, que estiveram ao meu lado tanto para os debates acadêmicos quanto para as experiências pessoais de alegria e dor. E, impossível não falar de minha supervisora, a querida professora e historiadora brasilianista Barbara Weinstein, que generosamente me recebeu na NYU e acompanhou todo meu percurso de pesquisa, oferecendo-me referências e conexões intelectuais fundamentais para o desenrolar da pesquisa, além de toda amizade e carinho, essenciais para uma estudante latino-americana nos EUA. Ter morado no bairro de Bedford Stuyvesant e me tornado aluna do *Brooklyn Adult Center* no curso *English as Second Language* foi, certamente, uma das experiências mais marcantes, pois a convivência cotidiana com imigrantes da África, América Latina e Oriente Médio trouxe-me um senso de pertencimento a uma comunidade negra global, na qual questões de gênero, raça, classe, região, sexualidade expressavam-se de diferentes formas. Ainda que houvesse as



aulas no Brasil e as conversas com meus amigos da NYU, o aprendizado denso da língua inglesa deu-se com amigas muçulmanas falantes do árabe como Farvin, Manal e Munira. Juntas, alimentadas pela curiosidade umas com as outras, quebramos as barreiras da língua e em poucas semanas nos tornamos fluentes em inglês. Todas essas histórias, além das crônicas diárias no metrô nova iorquino influenciaram meu trabalho investigativo no *Schomburg Center for Research in Black Culture*. Localizado no bairro do Harlem, cheguei ao maior arquivo mundial da cultura negra, em busca de fontes sobre concursos de beleza negra em Nova Iorque entre os anos 1900 e 1930 com propósito de fazer um estudo comparativo com as competições da mesma natureza realizadas em São Paulo. Entretanto, a incidência de anúncios de cremes de clareamento de pele e tônicos de crescimento capilar produzidos e vendidos dentro da comunidade afro-americana fizeram-me, pela segunda vez, mudar os rumos de minha pesquisa. Conhecendo a cultura afro-americana através de ícones mundiais como Angela Davis, Harriet Tubman, Martin Luther King, Malcolm X, foi impactante descobrir um mercado da beleza negra fundamentado no clareamento de pele como estratégia de afirmação racial e sobrevivência frente ao Estado segregacionista do Jim Crow. Esta história capturou toda minha atenção. Através dela vivi um novo processo de amadurecimento intelectual marcado pela prática da liberdade de contar histórias negras a partir dos pontos de vista, projetos e expectativas da comunidade afro-americana e de suas auto definições de gênero, raça e classe. Este foi um momento muito rico e desafiador da minha vida acadêmica, pois envolveu um extenuante trabalho de historiadora social, caracterizado por leituras bibliográficas, pesquisa, seleção, interpretação e tradução de fontes históricas em inglês para desenvolvimento e sustentação da seguinte hipótese: a cosmética negra representou um projeto de cidadania da comunidade afro-americana através de projetos radicais de transformação radical da aparência física. Oito anos depois, em um contexto de eclosão de uma agenda antirracista global, a tese permanece como um trabalho de referência em história social, dedicado a pensar relações raciais, de gênero e formação do capitalismo sob o ponto de vista da classe trabalhadora negra nos EUA.

Todo esse contexto que envolve formação e perspectiva historiográfica será determinante para delimitar minha atuação nos marcos do “ativismo científico”. Uma categoria desenvolvida no âmbito do pensamento feminista negro para evidenciar o papel de mulheres negras na produção de conhecimentos científicos focados nas formas de pensar, organizar e documentar o pensamento historicamente criado por mulheres negras



em suas comunidades de origem. A experiência de pesquisa nos EUA foi assim decisiva para a criação em 2014 do *Grupo Intelectuais Negras UFRJ* e em 2015 da disciplina homônima. Foi decisiva também para a condução do projeto *Ciência Negra no Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ* e para circunscrever minha atuação como uma acadêmica que desenvolve uma linguagem historiográfica para conversar com o “poder” e o “povo”, parafraseando a poetisa afro-americana Mary Evans.

### CONEXÕES E TRAVESSIAS DIASPÓRICAS

**É possível pensar as vinculações e conexões de uma história (ou histórias) da Diáspora? Suas pesquisas alinharam algumas destas questões. Poderia falar mais sobre isso?**

Eu sou uma mulher muito determinada, e uma das coisas que não queria quando junto com meu orientador Sidney Chalhoub, decidimos que a tese seria sobre história afro-americana era a seguinte: fazer um estudo comparativo entre comunidades negras no Brasil e nos EUA. Eu bati na tecla de que escreveria todos os capítulos exclusivamente sobre a história afro-americana. Com isso queria romper com a tradição do aqui *versus* lá cunhada pelas Ciências Sociais ao longo do século XX. Queria também construir um lugar novo na historiografia nacional. Ou seja, de uma historiadora brasileira especialista na história das relações raciais e da comunidade negra nos EUA, fazendo assim um percurso inverso e raro, de ter os Estados Unidos como matéria de estudo em vez de ser estudada. Esta inversão liga-se ao que Patrícia Hill Collins define como “uso criativo da margem”, considerando que a autoria da proposta parte de uma historiadora latina negra.

Assim, o processo de me tornar historiadora da história dos EUA permite-nos examinar em perspectiva interseccional como as relações de raça, gênero, classe e região constroem-se no campo historiográfico. Considerando que apesar da relevância, o trabalho recebeu pouca atenção da historiografia tradicional, sua história também permite-nos refletir sobre os desafios postos para mulheres negras que empreendem carreiras acadêmicas baseadas na autonomia intelectual e na inovação historiográfica de falar por si mesmas, com ferramentas científicas que constroem. Todos os dias reflito sobre essas questões como parte de um processo de crescimento pessoal, através do qual o estilo de minhas ações vai sendo definido e redefinido.



## EDUCANDO E ENSINANDO

**Você continuou com muitas e importantes (internacionais) vinculações acadêmicas no pós-doutorado. E depois faz uma mudança da História para a Educação, no caso Ensino de História. Isso foi um projeto intelectual seu?**

A resposta é sim e não. Se projeto estiver relacionado a algo que sempre planejei não. Mas se ligar-se a um plano ancestral de algo que estava escrito, sim. Digo isso porque a espiritualidade tem um lugar central nas teorias feministas negras e, portanto, no meu trabalho. Considerando o fato de ter sido letrada em um lar de mulheres negras das classes trabalhadoras, de ser filha de uma professora de escola pública, de desde a infância percorrer favelas e bairros de periferia para visitar amigos e familiares é natural que tenha ido parar na Faculdade de Educação, na área do ensino de história. Lembro agora que comecei a dar aulas aos dezessete anos em projetos educativos do terceiro setor voltados para meninos em cumprimento de medida socioeducativa, ou seja, o “ensino de” é constituinte da minha identidade desde a infância, das quais guardo memória dos domingos com cheiro de álcool do mimeógrafo que minha mãe tinha em casa e dos meus dedinhos marcados pelo papel carbono. Além de tudo isso, quando chegou o momento de tentar os concursos públicos para o ensino superior eu já tinha a percepção da história como uma área disciplinar muito fechada em si mesmo e regida por paradigmas tradicionais que dificultam o trabalho na perspectiva da educação como prática de liberdade.

Diante de todo esse contexto e da oferta de concursos entre 2012 e 2013, decidi priorizar os estudos na área do ensino de história. Entretanto sem renunciar a minha identidade de historiadora da história da América e a combinação destas duas identidades permanece muito desafiadora devido ao conservadorismo e aos enquadramentos acadêmicos. Por exemplo, no concurso em que fui aprovada como professora adjunta da UFRJ, duas preocupações da banca, apesar do meu desempenho de excelência, eram “o que mais eu poderia ensinar além de reeducação das relações raciais” e se “eu estava indo para o ensino de história devido à falta de oportunidades na ‘história acadêmica’”. Coloco em aspas porque considero o ensino de história acadêmico também.



Esses debates revelam as dificuldades da comunidade científica de lidar com trajetórias profissionais construídas fora da caixa, no meu caso, em espiral. Ainda assim, oito anos depois de minha aprovação, sinto que fiz a escolha certa. Sou muito feliz como uma historiadora social na Faculdade de Educação, onde desenvolvo diversos projetos fundamentados na formação de excelência que recebi em história social, no diálogo com pesquisadoras de referência do campo da Educação e na articulação destes dois fatores acadêmicos com os conhecimentos que adquiri em movimentos sociais e na convivência com mulheres negras de diferentes espaços de atuação. Por exemplo, nos cursos de *Didática Especial da História e Prática de Ensino de História*, tenho há cinco anos trabalhado na perspectiva da história transgressora e da história intelectual de mulheres negras. Duas abordagens historiográficas que desenvolvi articulando história social, reeducação das relações raciais e teorias do currículo e que são uma referência para estudantes em busca de um modelo formativo baseado em afirmar as relações entre pensar e fazer, teoria e prática. É muito especial e inspirador construir novas abordagens historiográficas impulsionando *futurxs* professores a ensinar a história do Brasil sob o ponto de vista de mulheres negras e através do trabalho no curso *Intelectuais Negras*, no *PET Diversidade*, no PPGE e no ProfHist contribuir para expansão do conceito de intelectual. Uma expansão por meio da valorização de mulheres negras como agentes de conhecimento. Voltando à pergunta, todo este percurso evidencia o processo de construção de um projeto intelectual com seus limites, mas principalmente suas possibilidades.

### **ENTRE MARGENS E BORDAS**

**Há uma importante geração de historiadoras negras – intelectuais importantíssimas – no cenário acadêmico brasileiro atualmente. Como você avalia o contexto atual e a inserção de uma historiografia potente sendo produzida por intelectuais negras e negros? Quais os desafios, armadilhas, dilemas e questões centrais?**

Eu acho que precisamos abraçar o estudo da *história do tempo* presente a partir das ações afirmativas e do impacto dessas políticas nas universidades brasileiras e, por consequência, nos paradigmas científicos. Há um grande empenho em afirmar que “representatividade importa”, mas refletimos pouco sobre porque representatividade



importa. Nesse sentido, considero de extrema relevância tanto a presença como a produção de intelectuais negras e negros na historiografia brasileira. Movimentos acadêmicos como a *Rede de Historiadorxs Negrxs*, a qual tive a oportunidade de acompanhar de perto a formação, seriam impensáveis nos meus tempos de estudante narrados acima e esta Rede, por exemplo, tem um impacto muito positivo na formação das novas gerações que podem desde os primeiros anos da graduação referenciar-se em acadêmicas negras e em linguagens historiográficas mais democráticas.

A questão que discuto é que para manter as conquistas batalhadas durante séculos pela comunidade negra é fundamental refletir sobre o sujeito político *intelectual negra* no espaço acadêmico. Para além da constituição de agendas de pesquisa de vanguarda, qual postura política adotamos no cotidiano universitário? Milton Santos discute brilhantemente o papel que o intelectual deve ter na sociedade brasileira. Penso que esta dimensão trazida por ele muitas vezes se perde em nome de provar a nossa capacidade de enquanto negrxs produzir uma historiografia de qualidade. Obviamente que atestar a excelência acadêmica é essencial para assegurar espaço institucional. Afinal, somos permanentemente avaliados, estamos o tempo todo “submetendo” nosso pensamento. Existe um pressuposto de submissão que precisa ser observado com foco e determinação para que haja espaço para novas formas de produção. Penso na frase canônica de Audre Lorde “Não podemos dismantelar a casa grande com as ferramentas do senhor”. Ela tem razão, mas precisamos ter o domínio destas ferramentas para inovar dentro da tradição.

Aí eu acho que entra a questão da armadilha. Até que ponto condicionamos nossa existência no mundo acadêmico a atender aos paradigmas tradicionais eurocêtricos? Qual é o nosso grau de disponibilidade para expandir horizontes e criar perguntas e respostas baseados fundamentalmente na experiência negra? Por que autoras como Maria Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez são celebradas como exemplos de intelectuais negras, mas são pouquíssimas utilizadas nos quadros teórico-metodológicos das pesquisas históricas? É importante refletir sobre a tradição dentro da tradição, pois só assim podemos criar formas de olhar e se relacionar com o que estudamos. Este é um movimento que pressupõe coragem para habitar e produzir à margem, lembrando que a margem não está fora da tradição, pelo contrário ela é a borda, portanto delimita os limites do tradicional. Na tradição feminista negra, a margem é um lugar de radicalidade, liberdade e criatividade porque residindo nela somos capazes de desenvolver pontos de vista específicos e diferenciados sobre o centro. Em papo reto, a armadilha é ter o centro



como “campo de experiência” e “horizonte de expectativa”, para usar dois conceitos eurocêntricos de Reinhart Koseleck. Afinal para subverter é preciso dominar o cânone rsrs.

Sobre dilema, embora seja uma ideia importante, que inclusive aparece em um diálogo crucial entre bell hooks e Cornel West, afasto-me desta perspectiva, que me soa como grande armadilha. Dilema pressupõe que existem duas vias e devemos escolher uma. Como uma mulher de axé, caminho pelas encruzilhadas, logo o tempo todo estou a atravessar caminhos que se encontram, cruzam-se. Em vez de gastar energia debatendo se sou ativista ou cientista, eu - lançando mão da autodefinição, categoria central no pensamento feminista negro, articulo as duas identidades e defino o meu lugar historiográfico como uma ativista científica.

O conhecimento que produzo está implicado, comprometido com as demandas da comunidade negra, especialmente de mulheres negras, dentro e fora da universidade. E aí reside a minha ciência e o meu ativismo, indissociáveis. É como a identidade de mulher negra. Inexiste o momento em que sou apenas mulher ou que sou somente negra. Mulher Negra é uma unidade. É uma categoria integrada. Meu poema favorito da brilhante escritora Miriam Alves chama-se “Parto”. Ela diz “amalgamada em duas para não ser subtraída”. Eu distancio-me da perspectiva do dilema, até por ser um lugar existencial que gera angústia, ansiedade, sofrimento, dor. Prefiro pensar em expansão, ampliação, conciliação, cruzamento. Aí chegamos a mais uma palavra da pergunta: desafio. Recentemente fui convidada para escrever um artigo científico em periódico qualificado pela Capes. O convite, que por sinal adorei, trazia uma proposta que era algo como: “o desafio de validar os conhecimentos de intelectuais negras na academia”. Eu fiquei pensando em uma coisa. A impossibilidade de caracterizar a validação de conhecimento de intelectuais brancas como um desafio. Com esta impossibilidade em mente eu poderia responder às editoras com uma preleção sobre a desigualdade entre acadêmicas negras e brancas. Mas escolhi uma via alternativa que foi a de aceitar o convite como elogio e reconhecimento do meu trabalho, ao que retribuí escrevendo o referido artigo. Quer dizer em vez da denúncia, do textão, da crítica, eu recebi o convite de coração aberto e escrevi o texto com o maior prazer porquê de certa forma quando as editoras brancas afirmam que existe um desafio para intelectuais negras validarem seu conhecimento no espaço acadêmico e me convidam para escrever sobre tal desafio elas estão reconhecendo dentro dos seus limites definidos pela experiência feminina branca, as assimetrias de gênero e



raça e também o meu trabalho como intelectual negra que produz respostas aos “eixos de opressão específicas” (Kimberlé Crenshaw).

Sobre questões centrais, outro tema da pergunta, acho que isso é variável. E de novo vem a armadilha, nesse caso do perigo que pode representar uma padronização dos objetivos e pressupostos. Para mim, que estou deliberadamente na margem historiográfica as questões centrais são: 1. Manter-me viva, praticando o bem-viver, que, não por acaso, é o lema da Marcha de Mulheres Negras. Pode parecer estranho ou fútil, mas este é o princípio de tudo. É impossível transformar o mundo, produzir conhecimentos relevantes etc. se você não está alinhada consigo mesma. Eu acho que esta é uma discussão seríssima para a comunidade negra, que historicamente está confinada a servir ao outro. Qual espaço cultivamos para nutrir o espírito, escutar nossos silêncios, definir nossas prioridades? No primeiro dia de aula do curso *Intelectuais Negras*, que tem 99,9% de estudantes negras, costumo perguntar: quem aqui dedicou em algum momento tempo para planejar sua vida? Em uma turma de cinquenta, sessenta jovens, uma ou no máximo duas erguem as mãos. Há ensinamentos aí sobre desumanização que precisamos olhar, acolher e tratar para que sejam superados. Logo, como professora universitária planejamento de vida é um conteúdo central no meu trabalho. 2. A construção do sujeito científico *intelectual negra* no espaço acadêmico: autodefinição, propósito, ferramentas. Esta é uma discussão que nomeio em diálogo com minha querida referência Patrícia Hill Collins como a invenção de falar por nós mesmas. De que formas mulheres negras autodefinidas constroem comunidades científicas? Quais são nossas formas de pensar, organizar e documentar o que produzimos? Este é um debate que também traz armadilhas, pois não está dado que pelo fato de ser uma acadêmica negra você esteja interessada em construir uma agenda de pesquisa ativista sobre questões raciais e de gênero. Pelo contrário, há uma tradição na historiografia brasileira contemporânea de afirmar-se como acadêmica negra através da reprodução dos paradigmas eurocêntricos, nos quais o ativismo é visto como uma *não ciência*. Basta olhar as listas bibliográficas ao final das pesquisas, nas quais predominam autoras e autores “clássicos”.

Clássico é uma categoria em que a localização do sujeito masculino, branco, heteronormativo, é naturalizada como única possibilidade de sujeito pensante. Certa vez ao apresentar minha pesquisa sobre *Intelectuais Negras* na história um colega me perguntou quais eram as minhas referências. Listei algumas autoras como Audre Lorde, Cláudia Pons Cardoso, além de minha avó Leonor Xavier da Conceição e minha mãe de



santo Flavia de Omulu. Eu disse a verdade. E dizer uma verdade que é definida por mulheres negras no espaço acadêmico é um desafio, pois a autonomia intelectual e a criatividade vindas de sujeitos historicamente consagrados como objetos é interpretada como afronta. Mas, na verdade, mais do que questionamento, a ampliação da lista de referências incluindo mulheres que fazem parte da minha história de vida é operar com uma abordagem epistemológica alternativa, na qual a experiência é reconhecida como “critério de significado” (Patricia Hill Collins, 2000). 3. Formar novas gerações acadêmicas de jovens negros na perspectiva que o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira definiu como “ciência para o negro”. Considerando o avanço da extrema direita e o cenário de demolição das conquistas democráticas é super importante desenvolver modelos de formação universitária centrados na figura dx intelectual negrx da comunidade. Como conduzir projetos nos quais estudantes reflitam sobre a importância que os diplomas possuem em seus locais de origem - em geral, favelas, bairros periféricos, cidades interioranas? Trata-se de um trabalho de aprimoramento pessoal através do desenvolvimento da consciência racial dentro da universidade. Para que serve o meu título de doutora? É uma pergunta que todos os dias me faço e respondo de formas variadas. Essa é uma conversa muito séria porque tem a ver com o reconhecimento de que só poderemos implementar e vivenciar uma democracia plena a partir do momento em que a questão racial for tratada como uma pauta prioritária, dentro de uma agenda “universal”. O professor Hélio Santos discute esta questão de uma forma inspiradora em seu livro *Caminhos para o Brasil*, que não por acaso assim como a produção de Eduardo está fora dos currículos hegemônicos das ciências humanas.

### PROTAGONISMO E PROJETOS

**Sua atuação como intelectual público – mulher e negra – tem se destacado, seja na produção acadêmica, formadora de opinião e na formação. Fale um pouco dos seus projetos nesta área.**

Este assunto dá um livro, quem sabe um dia (rsrs.)e tem me gerado um grande custo emocional, com dores, feridas, mas especialmente muitas alegrias e aprendizados. Em linhas gerais, como temos conversado na entrevista, eu sou uma menina negra suburbana que através do estudo ascendeu cultural e economicamente como professora



de uma das maiores universidades brasileiras. Embora seja uma história que resumida cabe em três linhas, ela carrega muitas subjetividades minhas, da comunidade negra e de toda sociedade brasileira. Carrega também muitas expectativas e singularidades com as quais precisei aprender a lidar de forma mais leve e generosa. Certa vez ouvi de uma antiga amiga historiadora que eu planejei me tornar uma intelectual pública. Aquilo, à ocasião, no contexto em que foi dito, me magoou profundamente. No candomblé costumamos dizer que a mágoa é a má água. Assim, em busca de transformar minhas *más águas* eu passei a refletir sobre a sua afirmação com o coração aberto e compreensivo. Foi a melhor coisa que fiz porque hoje consigo refletir sobre meu percurso de forma clara e objetiva. Se com vinte anos eu estivesse sentada na sala de aula quando a professora Giovana Xavier perguntasse quem já dedicou tempo para planejar sua vida, não levantaria o dedo. Ele também não seria levantado aos trinta, e isso é problemático. Viver a vida sem planejá-la ainda que munida de ferramentas intelectuais e econômicas. É louco pensar que esse é o padrão que rege a vida das pessoas negras em escala global. Diante dessa realidade, posso dizer que ter me tornado intelectual pública foi, em alusão a Edward P. Thompson, um “vir a ser”. A resultante de um processo que envolve elementos distintos. As feridas da criança que se sentia abandonada por não compreender o amor possível de ser praticado em sua família. A forja da identidade feminina negra no mundo branco, no qual o conflito regulava as relações enquanto uma menina negra que insistia em falar em vez de calar. O amor à escrita e à leitura arrematado pelo apoio de pessoas certas na hora certa. A família, o namorado do movimento social negro, o professor universitário negro, comprometido com a formação acadêmica da juventude negra. A determinação de escrever sua história, confiando em si própria.

E o mais importante: a escolha dos orixás, especificamente de Xangô, para execução de um papel de educar através da palavra, das histórias pesquisadas, contadas, compartilhadas. Tudo isso resulta na intelectual pública Giovana Xavier. Uma pessoa real, dona de uma imagem que gera muitas reflexões que transcendem a mim mesma. Diante das imagens controladas que regem a sociedade brasileira, é muito forte se tornar uma mulher negra famosa na condição de professora universitária, cientista, intelectual, acadêmica - todas estas categorias associadas ao masculino branco, expressando minha intelectualidade também através da dança, da música, do esporte.

Assim, minha existência no mundo público provoca efeitos variados. Surpresa, medo, admiração, incômodo, empatia, estranhamento, inveja. E eu, diariamente, preciso



aprender a lidar com esses mares de sentimentos sem perder de vista três coisas: quem sou eu, de onde vim e aonde quero chegar. Para operar com recortes históricos, a narrativa na primeira pessoa da Giovana intelectual pública começa em 2013 com a criação do blog Preta ‘Dotora’ na primeira pessoa. Hoje este tipo de projeto é comum, mas há oito anos era bastante raro e surpreendente. A partir de uma escrita mais leve e fluida comecei a perceber que estava desenvolvendo uma linguagem acadêmica singular, caracterizada pela enunciação da primeira pessoa no discurso científico historiográfico. A primeira pessoa mulher negra e isso foi muito impactante, inclusive na comunidade de historiadores, que começam - de formas variadas, a questionar e desqualificar meu trabalho na perspectiva do “isso não é acadêmico”. Ao mesmo tempo em que vivencio esta deslegitimação começo a experimentar uma validação expressiva do meu pensar do lado de fora da universidade: redes sociais, movimentos ativistas, meios de comunicação. Um dos ápices desse processo veio com o “litígio estratégico” travado com a *Festa Literária Internacional de Paraty* em 2016, quando desenvolvi o conceito de “Arraiá da Branquidade” para analisar historicamente a inexistência de autoras negras na programação. Veja só, em minha perspectiva, estou fazendo ciência o tempo todo. A ciência ativista de quem desenvolve um conceito para interpretar a realidade histórica desigual e propor alternativas a ela.

Voltamos a Milton Santos e ao papel da intelectual acadêmica fora da universidade, que para mim é um ponto de reflexão permanente. Bem, dando um salto, que é o movimento favorito de Iansã, orixá que assim como Oxum, me escolheu como filha, hoje através do @pretadotora congrego uma comunidade de mais de trinta mil seguidoras. Maioria expressiva de mulheres negras entre 25 e 34 anos e que se identificam com a narrativa de uma professora universitária negra que fala sobre tudo: ciência, maternidade, macumba, esporte, alimentação, política. E além de falar sobre tudo, corporifica sua imagem, como disse acima. Este é um aspecto importante porque existe um pressuposto que rege a ciência de que o intelectual é uma mente fora do corpo. Dentro deste contexto de *descorporificação* ilustrado por frases como “o objetivo do nosso trabalho”, surge uma jovem negra de quarenta e um anos surfando, dançando funk, indo à feira, fazendo trabalho de casa com o filho, namorando e ensinando na sala de aula da UFRJ. De novo, para mim, este é um exemplo de ativismo científico em prol de evidenciar a união entre corpo e mente em vez da cisão.



A adesão, identificada com esta narrativa, é enorme e ensina bastante sobre a história desigual do Brasil. Há lições emocionantes como a da trabalhadora doméstica do interior do Piauí que me escreveu dizendo que sabia que nunca iria para universidade, mas fez questão de apresentar minha história à filha, que após esse contato decidiu fazer o ENEM. Com seu trabalho de empregada somado ao Bolsa Família e ao estímulo que minha presença intelectual negra na tela de um celular despertou, a moça é estudante do curso de Farmácia de uma universidade pública no Nordeste do Brasil. Carrego muitas histórias como essa e outras como a de uma seguidora que me procurou questionando o fato do título de doutora ter representado para ela em vez de sucesso, o adoecimento e a paralisia. O que me faz pensar em como “histórias de sucesso” também geram gatilhos e produzem violências.

A meu ver, a rede social é um espaço de produção de conhecimento altamente complexo e necessário. É também um espaço de formação de redes de acolhimento emocional, intelectual, afetivo. Costumo, por exemplo, apoiar muitas jovens negras que me procuram querendo ajuda para tentar mestrado, doutorado e se sentem perdidas. Dentro do possível, conversamos sobre caminhos e estratégias para ocupação do espaço acadêmico com suas agendas de pesquisa. E passo a acompanhar seus trajetos desde a seleção até o ingresso ou não na pós-graduação. São muitos momentos de alegria e tristeza e frustração. Eu sou uma feminista negra então para mim o pessoal é político por isso o que faço é articular a Giovana Xavier professora universitária a Giovana Xavier intelectual pública. “Amalgamada em duas”. Agora é claro que também é preciso separar as coisas. Os objetivos e mecanismos de validação de conhecimento da ciência são totalmente diferentes dos dispositivos das redes sociais com suas métricas e algoritmos. Assim, é importante desenvolver a habilidade de articular tradição e inovação dentro da tradição.

Afinal, voltando à margem, ela não está fora, mas é uma borda. E nesta borda eu estou inventando novas linguagens e formas de existir, dentro e fora do espaço acadêmico. É complexo, eu sei. Mas o fato é que quando olho para todas as minhas frentes de ação existe um elemento que as conecta: o compromisso de expandir o conceito de intelectual focando nas experiências e conhecimentos de mulheres negras em todos os espaços e temporalidades. Isso aparece no @pretadotora. Nas salas de aula da Prática de Ensino de História e da Intelectuais Negras, onde desenvolvemos a abordagem da história intelectual de mulheres negras e da narrativa na primeira pessoa. Nos grupos de pesquisa



que coordeno, nos quais trabalhamos com epistemologias feministas negras, tecendo estratégias para seu uso dentro das regras tradicionais de validação de conhecimento universitário. Assim, é um lugar de muita responsabilidade ser ao mesmo tempo professora universitária, intelectual pública e formadora de opinião. O mais importante é sempre lembrar que antes de mais nada sou uma pessoa, cheia de acertos, contradições e uma enorme energia para transformar meus inúmeros erros em acertos. Orgulho-me e agradeço à comunidade negra e à minha ancestralidade pelo reconhecimento do meu trabalho, que espero siga inspirando mais pessoas negras, principalmente mulheres a ocuparem o espaço acadêmico.

## FUTURO HOJE

### **Fale um pouco dos seus projetos acadêmicos e intelectuais atuais.**

Mais um livro pode ser escrito aqui, e isso me deixa feliz porque planejar o futuro é um sonho que nossa ancestralidade preservou ainda que tenha tido pouca oportunidade de realizá-lo. Em 2016, entrei como professora credenciada em dois programas de pós-graduação. O ProfHist e o PPGE, ambos na UFRJ, por isso como acadêmica estou refletindo sobre meu último quadriênio (2016-2020), apropriando-me da temporalidade usada pela CAPES para autoavaliar meu trajeto.

Nesse período, precisei aprender de formas intensas sobre a importância de planejar e de se aprimorar para falar com o poder e o povo e para propor inovações sustentáveis dentro do discurso científico tradicional. Foi um processo muito intenso, dentro de um ciclo turbulento que chega ao fim. Repassar nessa entrevista minha história é uma etapa importante do fechamento. Entre outros resultados, encerro o quadriênio com um livro autoral sucesso de público *Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando sua própria história* (2019), um segundo que será lançado no primeiro semestre de 2021 *Maria de Lourdes vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição*, cinco mestras formadas em Educação e História com pesquisas ancoradas nas epistemologias feministas negras, salas de aula lotadas de estudantes brilhantes e criativas na graduação e na pós, projetos maravilhosos com professoras da educação básica em escolas do subúrbio e da Baixada Fluminense: Claudielle Pavão, Janete Santos Ribeiro, Marta Muniz Bento, que todos os dias ao lado



de meu amigo e referência Antônio Liberac, historiador e professor titular da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, ensinam-me sobre a educação como prática de liberdade. Momentos profissionais com figuras icônicas como Angela Davis, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lázaro Ramos e Lilia Schwarcz. Artigos e livros no prelo e por aí vai. Enquanto escrevo isso lembro da fala de uma estudante negra do curso de História, cursista da disciplina Intelectuais Negras: “o meu sonho é estar aqui na universidade, mas para viver o meu sonho eu preciso sentir dor o tempo todo”. Essa jovem, com suas palavras do coração, que reforçou minha compreensão de que precisamos nos mover além da dor e que eu Giovana Xavier/@pretadotora tenho uma responsabilidade nisso. Esse tanto de conquistas acumuladas dependendo da gestão pode ser um grande peso, que na impossibilidade de ser carregado gera feridas e ferimentos incuráveis.

Decididamente não quero este lugar, que já foi ocupado por muitas intelectuais negras que me antecederam. A minha linha de continuidade histórica com o pensamento feminista negro parte da premissa que quero carregar com amor e leveza as histórias que descubro e escrevo. Assim, meus projetos atuais relacionam-se a movimentos em prol do que a professora Ida Mara Freire denomina “cultivo de um coração alegre e compreensivo”, que traz como resultado uma produção acadêmica autêntica, comprometida com a comunidade negra e planejada para se tornar um legado. Há vários movimentos neste projeto passado-presente-futuro. Atualmente estou estudando no *DeROSE Method*. Uma escola de educação comportamental e alta performance que tem como um dos pilares a prática do *SwáSthya Yôga*. Minha meta é seguir na escola e me formar como instrutora de Yôga, pois quero continuar investindo em mim e compartilhar boas energias na casa, no trabalho e em todos os espaços. Também retomei os estudos da dança afro, tendo como mestra a professora Eliete Miranda, com quem vivo uma experiência muito bonita de crescimento pessoal e escrita da minha história através do corpo. Insere-se nesse processo, o encontro com a professora Ida Mara Freire, citada acima, autora da “corpografia”. Uma metodologia de trabalho baseada na escrita, dança e meditação, da qual me tornei adepta.

Em conjunto com esses investimentos pessoais, estamos todos em casa. Eu, meu filho Peri e meu marido Thiago. É energizante e desafiador construirmos o nosso Tempo. O Tempo da família, do amor, da união e do trabalho em um contexto de isolamento definido pelo tempo da pandemia COVID19. Mas desde o início eu, que tenho a



oportunidade (que infelizmente é privilégio e não direito), de estar em casa signifique este tempo de uma forma particular. O do recolher-se em mim mesma. Assim, também tenho caminhado em minha jornada no candomblé, aprendendo todo dia um pouquinho sobre o mistério e sobre a responsabilidade de carregar em meu Orí (cabeça) Iansã e Oxum. Vento e água. Há cinco meses eliminei o consumo de carnes da alimentação e tenho me sentido mais ágil e leve, ainda que com movimentos restritos, pois em janeiro de 2019 levei um tombo durante um treino de corrida e fiz uma lesão no ombro esquerdo. Canhotinha, interpretei esta queda e sua consequência como um movimento gerado para chamar minha atenção sobre a importância de dar uma pausa para descansar, pensar e organizar novos recomeços. Todas estas coisas que narrei acima influenciam meus projetos acadêmicos atuais que são: 1. A continuidade da pesquisa biográfica da intelectual negra Maria de Lourdes Vale Nascimento. 2. A organização do acervo do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Diversidade UFRJ. 3. A realização de um documentário sobre a história do Grupo Intelectuais Negras UFRJ. 4. Projetos editoriais relacionados ao ensino de história, ao trabalho com pensamento crítico na sala de aula e à genealogia de intelectuais negras brasileiras. Além claro, da escrita de artigos, livros, apresentação de *papers* em congressos, seminários e a reconfiguração da carreira de intelectual pública, no momento em pausa. Em todos estes itens há um propósito: deixar como legado uma história intelectual de mulheres negras, feita através de linguagens e ferramentas da história social, dança, yôga, espiritualidade. Um legado sobre a invenção de falar por nós mesmas e o qual pretendo continuar usufruindo viva e plena, no Tempo que o orixá determinar para mim. Obrigada Flávio por sua vida, trabalho e por ofertar estas perguntas que como eu sei que você está consciente ajudaram-me a conhecer mais sobre mim mesma e minha história. Recentemente aprendi que a oferenda é sempre algo que podemos transformar. Que a amizade, compromisso e proteção que seu trabalho inspira multipliquem-se no universo.

Axé.

*Recebido em: 01/02/2021*

*Aprovado em: 15/02/2021*